

CONCERTO ARIA AMOROSA

PROJETO CAMENA DE OFICINA BARROCA: RELATÓRIO SEGUIDO DE APRESENTAÇÃO MUSICAL

Autores

EWALD¹, Priscila Kogiaridis; SOUZA², Thiago Wesley de Miranda; MULLER³, Heloisa;
CHASIN⁴, Ibaney .
Centro de Comunicação, Turismo e Artes. Departamento de Música. PROBEX.

RESUMO

O Concerto Aria Amorosa dá continuidade aos trabalhos realizados desde 2011 pelo Projeto Camena de Oficina Barroca, via edital Probex, que tem como foco a performance da música barroca e sua difusão através de apresentações públicas. O objetivo geral do projeto é levar às salas de concerto da cidade um repertório identificado com os pressupostos estéticos que fundamentam este período histórico. Assim sendo, para realizar esta atividade, os objetivos específicos centraram-se na investigação e experimentação prática de singularidades próprias da música histórica, tais como: diferentes estruturas rítmicas nem sempre grafadas, mas presentes na tradição; específicas formas de ornamentação e improvisação; técnicas específicas de execução vocal e instrumental que priorizam o dramatismo latente nas linhas melódicas e o surgimento da “estética dos afetos” no barroco tardio. Dado que um objeto artístico é o produto de uma teia histórico-cultural específica, o caminho teórico assumido tomou textos e tratados de época e seus comentadores para estabelecer alguns pontos de apoio à análise e interpretação de obras históricas. No centro desta metodologia emergem os livros *O Discurso dos Sons* e *O diálogo Musical*, ambos de autoria do maestro e musicólogo alemão Nikolaus Harnoncourt, importante fonte para o estudo estilístico de obras do passado. O concerto *Ária Amorosa* foi apresentado com a seguinte formação: Canto, Violino, Viola, Sanfona, Cavaquinho, Percussão, Cravo, Chitarrone e Guitarra Barroca. Na semana do ENEX, parte deste concerto será apresentada no Auditório Gerardo Parente do Departamento de Música, quarta-feira 27 às 15h.

PALAVRAS-CHAVE: Arte, Música, Barroco.

INTRODUÇÃO

O espetáculo “Aria Amorosa” aconteceu nos dias 16 e 17 de julho de 2013 às 20h no Centro Cultural São Francisco. O público que lotou a nave principal para assistir os concertos foi motivado pela ampla divulgação feita através dos jornais A União, Correio da Paraíba, Jornal da Paraíba e também por matéria veiculada no Jornal da TV Cabo Branco no dia 16 às 19h.

¹ UFPB, discente bolsista, pricaewald@hotmail.com

² UFPB, discente bolsista voluntário, thiago.wms14@gmail.com

³ UFPB, docente coordenador, heloisamuller52@gmail.com

⁴ UFPB, docente vice-coordenador, ibaneychasin@uol.com.br

Público formado por pessoas de todas as idades e grupos sociais. Entre os presentes, destacamos o vice-Reitor da UFPb Eduardo Rabenhorst, o Governador do Estado Ricardo Coutinho, o Secretario Executivo da Funjope Maurício Burity e a Coordenadora Geral de Pós Graduação da UFPb Lenilde Duarte de Sá.

DESENVOLVIMENTO

Conseguiu-se alcançar e promover o conhecimento de novas interpretações e se obteve um resultado técnico de rigor e consistência assim como uma condição expressiva necessária ao crescimento artístico pessoal. A experiência de palco foi bastante proveitosa, principalmente aos membros da equipe que ainda estão iniciando seu trabalho com este repertório histórico como é o caso dos bolsistas Priscila Ewald e Thiago Wesley. O resultado artístico alcançado foi bastante consistente e atingiu as metas deste projeto, promovendo o conhecimento de obras importantes de nossa história para o público da cidade. O grupo foi formado pelos seguintes músicos: Canto: Rafael Laurindo e Thiago Wesley (bolsista voluntário); Violino: Priscila Ewald (bolsista); Viola: Mariana Rodrigues (funcionária UFPb e aluna Pós-graduação); Sanfona: Hélio Medeiros (professor do curso sequencial de música); Cavaquinho: Gustavo Seabra (ex-aluno e músico do Grupo Camena); Percussão: João Victor Figueiredo (aluno do curso de extensão); Cravo/Coordenação: Heloísa Muller (coordenadora do Grupo Camena e do projeto); Chitarrone / Guitarra Barroca / Direção artística: Ibaney Chasin (vice-coordenador do projeto e diretor artístico do Grupo Camena).

O programa consistiu das seguintes obras: Claudio Monteverdi (1567-1643): *Ohimè ch'io cado e Zefiro torna*; Girolamo Kapsberger (1580-1651): *Alma mia, Ite sospire miei, Ó Filli e Giá Risi*; Nicolas Matteis (1670-?) : *Aria Amorosa*; Antonio Vivaldi (1678-1741): *Andante do Concerto em Sol Maior*; Domenico Scarlatti (1685-1757): *Sonata K.89*; Anônimo do século XVII: *Chacona Del Paradiso e dell'Inferno*. A primeira página do programa trouxe o seguinte texto assinado pela professora Heloísa Muller, coordenadora do projeto: No final do século XVII, o violino estava à beira de alcançar a supremacia artística em toda a Europa. Porém, a Inglaterra continuava a ser o último reduto da viola, instrumento aristocrático por excelência. O violinista napolitano Nicola Matteis foi responsável, então, por mostrar a Londres as delícias do violino e o tempero da música italiana. Toda a paleta de emoções humanas foi musicalmente apresentada em excesso absoluto pelo virtuoso italiano, apaixonando os britânicos que fizeram dele aquilo que mais se aproximou de uma estrela pop do século XVII,, tanto no que se refere à sua rápida ascensão, fama e riqueza, quanto ao estilo de vida extravagante e decadente. Elo essencial na história da música barroca inglesa, Matteis é o

compositor de *Aria Amorosa*, a peça que dá nome a este concerto. Nome que remete a um universo afetivo muito próprio do ambiente barroco, em cujo seio floresciam temáticas consonantes com os sentimentos de um mundo moderno que se constituía. Amor, tristeza, alegria, beleza, e tantos outros sentimentos moldam o tom destas músicas e podem ser observados em todas as peças do repertório desta noite. Peças como as vilanelas *Alma mia*, *Itesospire miei*, *Ó Filli* e *Già Risi*, composições que haviam encantado os romanos anos atrás. De fato, no princípio deste mesmo século, a cidade de Roma reunia um número impressionante de compositores e instrumentistas que ali chegavam em busca de proteção e do apoio da família Barberini, então o mais importante grupo de mecenas a patrocinar a música. Maffeo Barberini (mais tarde tornado Papa Urbano VIII) e seus sobrinhos Francesco e Antonio, haviam transformado o Palácio Barberini e seu teatro no centro nevrálgico da Ópera Romana, oferecendo aos artistas amplo espaço para o desenvolvimento de sua criatividade. Giovanni Girolamo Kapsberger foi um de seus protegidos. Filho de nobres alemães, mas nascido em Veneza, este músico construiu a mais espetacular carreira musical de sua geração, inclusive instituindo sua própria academia no primeiro andar do Palazzo Governo Vecchi, onde viveu de 1606 a 1620. A elite artística romana ali se reunia com o propósito de trocar idéias e mutualizar inspirações. Poetas, musicistas, cantores e teóricos se encontravam para ouvir as mais célebres vozes da Itália que, acompanhadas pelo chitarrone de Kapsberger, improvisavam sobre os mais recentes versos da poesia italiana. Um relato de época nos traz a dimensão desta música: “O fato é que a música de hoje atinge uma perfeição extraordinária, quase sem precedentes; muitos músicos maravilhosos são mestres da arte e encantam o público com a graça das músicas que eles lhes oferecem para ouvir. Os cantores pronunciam cada palavra com clareza, uma sílaba a cada nota, com força ou doçura, de forma animada ou lentamente enfatizando a expressão, usando gestos e expressões faciais, mas com gosto, sem excesso. Eles cantam sozinhos ou em duos ou trios, acompanhados por instrumentos – chitarrone, guitarra espanhola, cravo ou órgão – conforme o que for mais adequado. Em Roma, Nápoles e Genova, este novo tipo de composição é chamado de “Villanella à espanhola” ou “à italiana”. A maioria destas melodias são de Giovanni Girolamo Kapsberger, chamado de “o alemão da torba”, que as compôs em Roma como a maior das artes.” (Vincenzo Giustiniani, 1628). Já o madrigal *Zefiro Torna* evoca, ao som do violino e da viola, o clima espiritual da poesia que diz: “Zefiro retorna e murmurando entre os verdes galhos faz dançar ao belo som as flores sobre o Prado. Trançando em guirlandas os cabelos de Phyllis e Cloris, notas modulam o amor caro e alegre. E dos montes e dos vales recônditos e profundos multiplicam sua harmonia nas grutas canoras”. Originalmente vocal, a peça foi composta por Claudio Monteverdi para o soneto de Ottavio Rinuccini, uma ode pastoral a zéphuros, deus da mitologia grega que

personifica o vento oeste, aquele que traz a primavera e suas oportunidades de romance. Monteverdi cativa com a figura repetida da ciaccona, ritmos elásticos e linhas melódicas que se entrelaçam com vigor e exuberância. Aria Amorosa reúne ainda obras para instrumento solo de Domenico Scarlatti e Antonio Vivaldi que serão realizadas com o cavaquinho, mais um instrumento de nossa tradição popular que se junta à sanfona e ao cravo, ao chitarrone e ao Cajon, à viola e ao violino, para cantar todos os amores que a vida teceu, tece e tecerá ao longo dos tempos.

Em ambos os dias de apresentação a Igreja de São Francisco estava lotada com uma plateia que pareceu muito animada e ativa com relação a tudo que estava sendo apresentado naquele breve momento, o que confirmou mais uma vez que todos os ensaios e trabalho empenhados valeram à pena. Mais uma vez porque os integrantes do grupo já estavam se sentindo extremamente satisfeitos com tudo o que tinha sido realizado até então, mesmo antes de subir no palco. Segue um relato a respeito do concerto, de Priscila Ewald: “No dia do concerto, comer e dormir pareciam ser mais difíceis do que tocar. Era uma mistura de ansiedade com alegria e sentimentos inexplicáveis, que foi transbordando aos poucos a partir do momento que todos entramos no palco para iniciarmos o concerto e fomos recebidos pelos aplausos daquela numerosa plateia. Apesar de me remeter a um ambiente que parecia irreal, ao mesmo tempo tudo parecia muito humano: as letras das músicas, desde as que falavam de amores dolorosos até as mitológicas; tocar junto com os cantores, o que parecia dar vida ao meu próprio instrumento, e até mesmo com a sanfona, um instrumento mais atual; ouvir o suave som do cavaquinho, um instrumento que lembra samba e carnaval, que soou lindamente na igreja e destacou o silêncio das pessoas que estavam assistindo; o som da viola, do cravo, do chitarrone e da guitarra barroca... E então o som dos aplausos finais, o que me fez perceber que eu não era a única a estar desfrutando daquele momento como um ser humano fora deste mundo. Mas o mais gratificante foi ver que eu fazia parte dos responsáveis por terem criado aquela atmosfera momentânea, o que me fez perceber o que é ser um artista, o que me fez sentir uma artista durante um curto espaço de tempo e me fez ver que o palco não é um pesadelo, principalmente quando se está acompanhado de colegas/amigos humanos e artistas que estão dispostos a trabalhar porque gostam do que estão tocando, se preocupam em sentir algo irreal quando tocam e transmitem isso, quase que sem querer, àqueles que assistem. Afinal, a música é para que?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando os objetivos que o Projeto Camena de Música Barroca considera de importante relevância - promover o conhecimento interpretativo fundado em solo teórico a fim de conquistar um resultado artístico de rigor e consistência; promover a compreensão sobre a lógica histórica e social das obras que se quer executar a fim de estabelecer uma interpretação conexa com o período em que foram compostas; em outros termos, não se deve perder de vista que a música é expressão da sensibilidade humana, de sorte que necessário é desvendar e conhecer o homem que dorme ou se esconde sob as notas de uma partitura; consolidar no aluno o hábito da pesquisa antes de enfrentar um novo repertório: este passo é fundamental para escolhas interpretativas; consolidar junto ao público o conhecimento e o gosto pela sonoridade da música histórica; tornar público o resultado de estudos e técnicas praticadas no âmbito da sala de aula da Universidade – pode-se dizer que no Concerto Ária Amorosa, todos esses objetivos foram satisfatoriamente alcançados.

REFERÊNCIAS

- CHASIN, Ibaney. O Canto dos Afetos: Um Dizer Humanista. Aproximações à Reflexão Musical do Renascimento Tardio Italiano. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. Monteverdi Humana Melodia. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- EWALD, Priscila Kogiaridis. Relato sobre uma primeira grande experiência no palco. 2013.
- HARNONCOURT, Nikolaus. O discurso dos Sons. Caminhos para uma nova compreensão musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- _____. O Diálogo Musical. Monteverdi, Bach e Mozart. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- MULLER, Heloísa. Le Nuove Musiche. História e Estilo no Canto de Giulio Caccini. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP, 2006. (Tese de Doutorado em Musicologia).
- QUANTZ, Johann Joachim. Essai d'une méthode pour apprendre à jouer de La flute Traversiere. Arizona State University: 1997.